

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 74

Data: 19 de fevereiro de 1989

Pg.: _____

Encontro do Xingu começa amanhã em clima de tensão

BELÉM — A cidade de Altamira, localizada a cerca de 500 quilômetros de Belém, às margens do rio Xingu e um dos três principais pólos cortados pela rodovia Transamazônica, no Pará, foi invadida nos últimos dias por um contingente de visitantes que está deixando as autoridades locais atônitas. São principalmente índios, a grande maioria da nação Kaiapó, que possui sua reserva próxima a Altamira. Mas existem também muitos jornalistas, do Brasil e de várias partes do exterior, cientistas e ecologistas. Num clima de muita expectativa e tensão, eles participam, a partir de amanhã, do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, promovido pelos Kaiapós, mas com apoio de diversas entidades, inclusive algumas do exterior. Até sexta-feira, o Encontro pretende discutir os efeitos que as barragens que a Eletronorte vai construir no Xingu, a começar pela de Kararaó, causarão à região.

Tensão

A tensão existe por causa da anunciada passeata que um grupo de entidades, tendo à frente a Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Altamira, com a presença da UDR (União Democrática Ruralista) vai promover ama-

nhã, exatamente no dia de abertura do encontro dos índios. As entidades empresariais, que criaram o que denominaram de Moprok — Movimento Pró-Kararaó, estão preocupadas com a repercussão do Encontro, que poderá influenciar negativamente na implantação da hidrelétrica, que produzirá 11.000 KW e que os empresários consideram fundamental para o desenvolvimento da região. O Moprok espalhou centenas de cartazes, faixas, out-doors e mensagens pela cidade e promete reunir milhares de pessoas na passeata de amanhã.

Por isso, o prefeito de Altamira, Armindo Denardin, esteve há três dias com o governador Hélio Gueiros, pedindo ajuda para manter a segurança da cidade. Tanto ele quanto o delegado de Polícia Carlos Araújo, eham que o policiamento local é insuficiente para controlar qualquer discurso que possa haver. Um pequeno reforço foi enviado sexta-feira, de Santarém para Altamira. Mas a preocupação também é com a falta de infraestrutura na cidade para receber tanta gente. Os hotéis estão todos lotados e algumas casas já começam a ser alugadas por equipes da imprensa do exterior. Uma delas teria alugado uma casa por

NCz\$900,00 por apenas dez dias. Os preços de alguns produtos também estão disparando, apesar do Plano Verão.

O aeroporto de Val-de Cás viveu momentos de tensão sexta-feira, quando muitos passageiros — grande parte jornalistas e convidados para o I Encontro de Povos Indígenas do Xingu — não conseguiram embarcar para a cidade de Altamira, a 480 quilômetros de Belém. Segundo os jornalistas, foram vetados muitos passageiros que iriam participar do encontro na cidade de Altamira.

“O clima está muito tenso. Algumas pessoas disseram que alguns pistoleiros foram contratados por alguns fazendeiros que defendem a instalação da usina hidrelétrica do Xingu, que inclui as usinas de Kararaó, e Babaquara”, explicou um jornalista. Um outro fotógrafo explicou que foi ameaçado por um homem alto e de bigode com a seguinte indagação: “O que você vai fotografar lá em Altamira”? Ele respondeu que participaria do encontro e foi aconselhado a não participar. “Será muito perigoso”, ameaçou o homem, que foi um dos selecionados para o único voo feito pela Taba sexta-feira, para Altamira.

Acampamento de índios é alvejado por tiros

ALTAMIRA — Cinco tiros disparados na noite de sexta-feira contra o acampamento onde estão alojados cerca de 500 índios, que iniciam amanhã o Primeiro Encontro dos Povos Indígenas no Xingu, mobilizou a Polícia Militar do Pará e a delegacia de polícia de Altamira. Ontem, o delegado Carlos Carlito de Araújo, reunido com 12 caciques Kaiapó e ecologistas que organizam o encontro de Altamira, garantiu que as polícias Civil e Militar vão dar toda a garantia que o movimento exigir.

Os tiros de sexta-feira foram recebidos como provocação pelos índios reunidos na fazenda Betania, de propriedade da Igreja. Ontem, eles realizaram danças e fizeram discursos contra a reação de parte da população de Altamira que defende a construção das hidrelétricas de Kararaó e Babaquara.

O cacique Kube-I, segundo chefe da hierarquia Kaiapó, que já foi até mesmo alvo de um mandado de extradição por ser considerado estrangeiro ilegal no País, disse que a luta do seu povo contra as

barragens da Eletronorte será realizada sem guerra. Ele alertou, entretanto, que Kaiapó não tem medo de briga. O movimento pró-Kararaó (Moprok), liderado pela Associação Comercial de Altamira e pela UDR local, realiza na segunda-feira à tarde uma passeata na cidade contra o movimento ecológico instalado aqui. Segundo seus organizadores, a passeata não tem caráter de provocação, por se tratar de uma manifestação tão legítima como o encontro dos povos indígenas.

O delegado Carlito Araújo disse que também vai oferecer segurança aos manifestantes que querem a construção da hidrelétrica apesar de todas as garantias externadas pelo delegado de Altamira, o governador Hélio Gueiros mandou a PM do Pará deslocar 60 policiais para Altamira. O efetivo do batalhão de Altamira já está todo mobilizado para evitar novos incidentes entre índios, ecologistas e membros do grupo que defende a construção das barragens.

Divisão de terra ameaça os Yanomani

BRASÍLIA — Para Claudia Andajur, coordenadora da Comissão Pró-Criação do Parque Yanomani, em Roraima, os decretos presidenciais que acabam de instituir 19 áreas indígenas para o grupo no ex-território “são, virtualmente, uma sentença de morte para os Yanomani, porque não garantem em nada a inviolabilidade de suas terras à ação predatória dos garimpos”.

Andajur está “perplexa” com a decisão presidencial, uma vez que, segundo ela, isso desconsiderou as exaustivas recomendações de antropólogos e técnicos da própria Funai no sentido de que os Yanomani somente teriam garantida a sua sobrevivência física e cultural através da instituição de uma reserva contínua, nos moldes daquela existente no Parque Xingu.

“O que o governo acaba de fazer é inaceitável e anti-constitucional, porque a nova Constituição reconhece como áreas indígenas aquelas terras ocupadas por índios e os decretos de Sarney não refletem a verdade”, afirma Andajur enfatizando que somente a criação do Parque Yanomani é que poderia salvar esse grupo indígena, cada vez mais pressionado por interesses econômicos.

“O que impediu a criação do parque foram os minérios, um problema bastante específico dos Yanomani, pois desde que o Radam-Brasil fez um levantamento da região Amazônica, foram detectados ouro, cassiterita, minerais radioativos e outros. Isso foi o suficiente para despertar a cupidez de políticos, empresários e empresas pela região”, diz Claudia Andajur.